

CAMINHOS DA LEITURA: EDGAR ALLAN POE

READING PATHWAYS: EDGAR ALLAN POE

Daniel Serravalle de Sá ¹

Ana Luiza Muniz ²

Maria Fernanda Honório ³

Marcelo E.V. F. Pedrozo ⁴

Introdução

A Rádio Ponto UFSC, webemissora do curso de Jornalismo da UFSC, que está no ar há 20 anos, funciona como projeto de extensão que se articula com o ensino e a pesquisa. Para o episódio piloto do programa Pontuando, entrevistamos o Prof. Dr. Daniel Serravalle de Sá, especialista em literaturas de língua inglesa, a respeito do grupo Caminhos da Leitura, dedicado ao estudo da obra de Edgar Allan Poe, uma ação de extensão vinculada às atividades de ensino e pesquisa do professor. Discute-se aqui o olhar extensionista como processo educativo, cultural e científico, as características centrais dos contos de Poe e os impactos do escritor estadunidense na literatura.

A entrevista a seguir é um relato de experiência centrado no desenvolvimento e nos resultados do projeto de leitura do grupo. Vinculado ao Departamento de Língua e Literaturas Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina, o projeto Caminhos da Leitura integrou atividades de ensino, pesquisa e extensão ao promover encontros quinzenais para analisar e discutir os contos de terror do autor estadunidense. A escolha de Edgar Allan Poe como foco do estudo deve-se à relevância cultural e literária do escritor, além de sua popularidade na cultura contemporânea. O formato privilegiou o debate como modelo de interação e integração entre as pessoas, evitando as formas tradicionais de aula. O grupo contou com participantes de diversos cursos (Letras Português, Letras Inglês, Letras Alemão, Jornalismo e Psicologia), criando um ambiente enriquecido por múltiplas perspectivas.

1 PhD em Latin American Cultural Studies pela University of Manchester. Professor Associado da Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7255297014204594>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9994-6178>. E-mail: d.serravalle@ufsc.br

2 Graduada em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5951648905389129>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3386-3730>. E-mail: alcm1228@gmail.com

3 Graduada em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6155987041902900>. E-mail: nandahonorio2205@gmail.com

4 Graduado em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0330947947321677>. E-mail: marcelovieirapedrozo@gmail.com

Metodologia

No que tange à metodologia, foram utilizados textos traduzidos para o português, os quais foram comparados com os originais em inglês, proporcionando um exercício de análise textual, interpretação e leitura comparativa. A abordagem consistiu em encontros regulares para leitura, análise e discussão coletiva de textos literários, com ênfase na interpretação crítica e no debate de ideias. Tal método permitiu que os participantes interagissem de maneira reflexiva e interdisciplinar, vinculando o estudo sistemático da literatura às teorias literárias e às vivências acadêmicas de diferentes áreas. A iniciativa foi fundamentada em princípios extensionistas, visando não apenas à formação acadêmica, mas também ao diálogo com a cultura e à ampliação do conhecimento de maneira prática e interativa.

Entrevista

Rádio Ponto UFSC: Pode nos falar um pouco sobre a criação do grupo Caminhos da Leitura como projeto de extensão?

Prof. Daniel Serravalle de Sá: Sim, com prazer. Por meio do estudo da obra de Edgar Allan Poe, esse projeto de leitura buscou integrar atividades desenvolvidas em dois grupos de pesquisa registrados no CNPq, uma disciplina ofertada na pós-graduação e um grupo de leitura como atividades de extensão, ou seja, a intenção foi integrar pesquisa, ensino e extensão. O projeto aconteceu ao longo do segundo semestre de 2022 e se destinou, principalmente, a aprimorar a formação dos estudantes de graduação. A proposta foi reunir um grupo interessado no estudo sistemático da obra de Edgar Allan Poe, sua poesia, sua prosa e seus textos crítico-teóricos. ... Mas, não se tratava de aulas e sim de exercitar a interpretação, a argumentação e o debate de ideias, agregando a comunidade acadêmica e contribuindo para a formação dos participantes por meio do estudo da literatura e de suas teorias. Realizamos encontros quinzenais, nos quais analisamos e discutimos textos previamente selecionados, traduzidos para o português, mas também comparando com o original em inglês. A escolha de Edgar Allan Poe deve-se ao fato da popularidade que o escritor desfruta na nossa cultura contemporânea. Ele ficou mundialmente conhecido por suas narrativas de terror e mistério, nas quais explora o lado mais obscuro da mente, os desejos inconfessáveis e os tormentos da alma. Poe também exerceu uma forte influência sobre a narrativa policial, na forma como a conhecemos hoje, sendo considerado o inventor do gênero. Mesmo quem nunca o leu tem alguma noção a respeito de sua obra, devido ao fato de que seus versos e imagens literárias foram incorporados pela cultura popular e disseminados em músicas, filmes, desenhos animados, seriados de TV, uma gama de produtos culturais que faz referências diretas ou indiretas aos seus textos. O grupo de leitura teve 29 participantes oriundos de diferentes cursos, um comparecimento excelente para uma primeira edição, atraindo estudantes de Letras Português (9), Letras Inglês (16), Letras Alemão (2), Jornalismo (1) e Psicologia (1). Agora o grupo não está mais ativo, mas espero que os debates gerados pelas leituras tenham contribuído para a formação intelectual e profissional dos integrantes, com potencial de gerar futuras publicações acadêmicas e ampliar os horizontes acadêmicos e pessoais dos estudantes.

Rádio Ponto UFSC: Qual é a nomenclatura correta para o gênero dos contos macabros de Allan Poe — terror, horror ou gótico?

Prof. Daniel Serravalle de Sá: Essa pergunta sobre gênero literário é difícil de responder. Falar sobre o gênero de um texto literário é uma discussão tão complicada quanto falar sobre identidade, até mesmo porque, desde

a Grécia, não existem mais gêneros puros. ... Mas, vou tentar responder explicando a diferença entre terror e horror a partir do ponto de vista de uma escritora gótica, chamada Ann Radcliffe. No ensaio “On the Supernatural in Poetry” (1826), ela faz uma distinção entre terror e horror com o objetivo de estabelecer uma divisão na literatura gótica inglesa produzida no início do século XIX. Radcliffe diz o seguinte: “Terror e Horror são opostos diametrais, o primeiro expande a alma e desperta as faculdades para um grau mais alto da vida; o outro contrai, congela e quase as aniquila” (Sá, 2018, p. 103). Mais adiante nesse texto, ela argumenta que o terror se caracteriza pela indeterminação e pela obscuridade no tratamento de eventos, e que essas condições de incerteza e indeterminação têm o poder de elevar a alma. Em contraste, temos o horror, que está relacionado à descrição de atrocidades que congelam o espírito e quase que aniquilam a capacidade de reagir do leitor. Então, diante da definição dessa romancista gótica, podemos interpretar que o terror seria algo psicológico, ligado à indeterminação, ao monstro que vai aparecer, mas que não se revela, o suspense e a incerteza deixam todo mundo aterrorizado. Por outro lado, o horror estaria mais ligado a cenas grotescas, de destruição do corpo, isso que chamamos hoje em dia de *gore*, ou sangue e tripas, em português. Na etimologia, a palavra horripilante quer dizer “de cabelo em pé”. O intuito de Radcliffe com esse ensaio foi marcar suas escolhas literárias (pois ela preferia o terror) e, ao mesmo tempo, ela queria contestar cenas de horror retratadas no romance *The Monk* (1796), de Matthew Lewis, que de certa forma foi seu rival literário. E essa discussão aconteceu sob o termo guarda-chuva que é o gótico literário, o qual pode abarcar diversos gêneros e subgêneros. Edgar Allan Poe escreve das duas formas, horror e terror, a depender do conto. Então, essa nomenclatura (terror, horror e também macabro, fantástico, insólito) são termos que, para mim, fazem mais sentido quando são discutidos em textos e contextos específicos.

Rádio Ponto UFSC: Qual é a influência dos trabalhos do Edgar Allan Poe para a literatura de terror ocidental? Como essa influência se manifesta atualmente?

Prof. Daniel Serravalle de Sá: A influência de Poe sobre a literatura de terror é enorme, de forma direta ou indireta, e essa influência está presente em autores como o estadunidense Stephen King, mas também na escritora argentina Mariana Enriquez, na mexicana Amparo Dávila, no brasileiro André Vianco e no japonês Edogawa Ranpo (o nome é uma homenagem) e essa influência se estende até em escritores que não consideramos, necessariamente, ligados ao terror, como Machado de Assis e Jorge Luis Borges. ... Mas, cabe dizer que, em sua própria época, Poe não figurava entre os grandes nomes, ele era bastante conhecido, mas bem longe de ser essa estrela, essa sumidade literária que é hoje. É preciso dizer também que, embora a crítica literária atual privilegie seus contos de terror, durante sua vida ele foi mais conhecido como poeta e, provavelmente, ainda mais conhecido como editor de revistas, revisor de textos e crítico literário. Para se ter uma ideia de como ele era em sua época, digamos assim, um escritor de segundo escalão, em 1839, o periódico *Southern Literary Messenger* rejeitou o conto “A queda da casa de Usher”, hoje considerado uma das obras-primas de Poe. Seu reconhecimento como um grande escritor foi um processo que levou tempo, e que aconteceu primeiro na Europa (por intermédio de Baudelaire) e só depois repercutiu nos Estados Unidos. Hoje em dia, a crítica literária entende que essa falta de reconhecimento nos Estados Unidos era mais um defeito do público leitor do que dos méritos literários do escritor. Ao longo dos séculos XX e XXI, o prestígio de Poe só tem aumentado e pode-se dizer que sua posição no cânone literário está consolidada. De forma direta ou indireta, todo escritor de terror contemporâneo é influenciado, em maior ou menor grau, pelo simbolismo, pelos personagens, pelas situações, pelas ambientações que Poe criou.

Rádio Ponto UFSC: Quais são os principais elementos do terror de Allan Poe?

Prof. Daniel Serravalle de Sá: Poe tem uma estratégia muito original para construir seus contos, geralmente ele inicia com um tipo de discurso que remete à racionalidade, à lógica científica e, em seguida, apresenta uma situação que desafia esse mundo da racionalidade, levando o leitor a crer que o acontecimento só pode ser algo sobrenatural. No conto “O caso do sr. Valdemar”, por exemplo, um grupo de médicos hipnotiza um homem, o sr. Valdemar, exatamente na hora da sua morte, de modo que, ele não apresenta mais os sinais vitais, mas também não se decompõe, fica em estado de suspensão, morto e vivo ao mesmo tempo. A junta médica passa meses fazendo testes e perguntas para o sr. Valdemar, inclusive sobre como é o “outro lado”. Somente ao perceberem que ele está em grande sofrimento, os médicos resolvem tirá-lo do transe, quando ele se decompõe totalmente diante dos olhos de todos. A cena é grotesca e a descrição nojenta. Então, tudo nesse conto é muito plausível, pois a construção narrativa está revestida de um discurso científico, lógico, racional. Tudo menos o sr. Valdemar e a sua situação incrível, inverossímil e sobrenatural. Esse conto foi escrito em 1845 e muitas pessoas acreditaram que era, de fato, uma crônica médica que descrevia uma situação extraordinária, e isso se deve a essa técnica que Poe desenvolveu. Um outro escritor que conhecia muito bem o trabalho de Poe e que usou esse mesmo método para escrever foi H. P. Lovecraft. Em seus contos, Lovecraft vai gradualmente minando o poder social de instituições como a polícia, a religião, a ciência, e, depois, para desqualificar essas autoridades, ele entra com o elemento sobrenatural. É um método que ele aprendeu com Poe. Então, estou falando aqui de técnicas narrativas, mas, para responder sobre os elementos de terror em Poe, ele é um escritor que manipula muito bem um conjunto de símbolos e imagens literárias, fazendo e refazendo suas combinações. Por exemplo, muitos dos seus contos têm situações de emparedamento, de enterrar a pessoa ainda viva, ocorrências de catalepsia, doenças inexplicáveis, e no que diz respeito aos objetos e à espacialidade temos relógios, casas antigas e suntuosas, mas decadentes. Na realidade, seu repertório pode até ser considerado restrito, mas, por meio da imaginação, ele consegue reorganizar esses elementos de diferentes maneiras, criando novos arranjos que permitem uma variedade de interpretações e significados.

Rádio Ponto UFSC: Os contos de Allan Poe são marcados por uma primeira pessoa com tom bem particular, que entra em diálogo com o leitor em alguns momentos. Como essa narração colabora para a imersividade da leitura? Ela ajuda a construir o tom macabro, de mistério?

Prof. Daniel Serravalle de Sá: Ajuda totalmente na imersividade e na construção do tom, pois usar o “eu” (a primeira pessoa) na literatura confere um caráter mais pessoal e, por consequência, mais dramático. Nós lemos o texto como se fosse o depoimento vivencial de alguém, mas, na verdade, sabemos que é apenas um personagem-narrador. Inclusive, muito do que foi escrito sobre Poe entre as décadas de 1920 até 1940 teve como foco suas supostas psicopatologias, narradas em primeira pessoa: Lorine Pruette, Joseph Krutch e Maria Bonaparte são exemplos de críticos que desenvolveram estudos de base psicanalítica e biográfica. Por causa da narrativa em primeira pessoa, esses críticos trataram Poe como paciente, examinando sua vida e seus textos em busca de pistas para os conflitos internos de sua psique, assim como os psicanalistas analisariam os sonhos de um paciente. Esses trabalhos foram muito importantes, pois eles fomentaram interesse acadêmico pela obra de Poe, e também apontaram a riqueza simbólica dos textos. Mas, o fato de escrever na primeira pessoa, não quer dizer que ele está abrindo a alma em seus textos, e essa é a diferença entre autor e narrador. Na literatura, entendemos que há uma intelectualização do material literário, ou seja, antes de escrever, Poe pensou em como criar seu personagem, em que cenário colocá-lo, o que aconteceria com ele, quais frases ele diria. Em termos de teoria e crítica literária, a ficção é reveladora do que o autor está tentando dizer sobre o mundo, e não sobre ele. De qualquer forma, isso demonstra como a escrita em primeira pessoa é poderosa. Um outro exemplo: nos contos “The Birthmark” (a marca de nascença) e “Rappacini’s Daughter” (a filha da Rappacini), Nathaniel Hawthorne escreve sobre homens que acabam matando mulheres. No entanto, poucos críticos ou leitores consideram

tais contos como uma expressão da psicologia individual de Hawthorne. Ao contrário, Hawthorne é geralmente visto como um autor que projeta em seus contos uma crítica à violência de gênero e ao feminicídio, expondo essas questões à visão dos leitores. E uma explicação para essa diferença de tratamento é que Hawthorne usa a terceira pessoa nesses contos, favorecendo o distanciamento entre autor e narrador. Então, em resumo, os narradores em primeira pessoa de Poe conferem às narrativas esse caráter mais “confessional”, justapondo autor e narrador. Em parte, a genialidade de Poe está nessas brincadeiras com verdades e mentiras, nos jogos de palavras, na escrita que transita entre o ficcional e o supostamente autoficcional. Como leitores modernos que somos, devemos ler Poe na chave da ironia.

Rádio Ponto UFSC: Apesar de macabros, os contos de Poe são marcados pelo tom romântico. Como é feita a união do romântico e do assustador em suas obras?

Prof. Daniel Serravalle de Sá: Uma pergunta muito interessante, o movimento Romântico acontece depois do Gótico. O crítico Victor Sage (1990) afirma que o Romantismo é uma especialização do Gótico literário, ou seja, os escritores românticos adotaram algumas temáticas, imagens e situações dos romances góticos e dispensaram outros, mas, a noite, a Lua, as emoções intensas, a morte são elementos presentes nos dois movimentos, e é assim que essa união entre o romântico e o assustador acontece. Veja só, nós já comentamos que, em sua própria época, os contos de Poe não eram muito apreciados, pois o Realismo já despontava na literatura estadunidense, e os leitores preferiam o estilo mais tangível e referencial de escritores como Mark Twain e Charles Dickens. Uma crítica recorrente que os textos de Poe recebiam era que eles se limitavam a reproduzir o sensacionalismo gótico, que havia vigorado na Inglaterra 50 anos antes. Muitas histórias de Poe falam sobre uma das temáticas centrais do Romantismo que é “a morte de uma linda mulher”, alguém que morre no auge da juventude, e há beleza nessa juventude, levada antes do tempo por alguma tragédia ou enfermidade. Lenora, Madeline Usher, Lady Ligeia, Annabel Lee são apenas alguns exemplos de como ele revisitou esse lugar-comum do Romantismo em diversas de suas obras. Nós também sabemos que ele perdeu a esposa, Virginia Clemm, prematuramente, de modo que há uma sobreposição entre sua experiência pessoal e o fazer poético. ... Mas, ela morre em 1847 (e ele morre dois anos depois), então, ele já tinha escrito sobre a temática antes da morte da esposa, até mesmo antes de se casar com ela. Perder alguém para a tuberculose era algo relativamente comum naquela época. Porém, no caso de Poe, isso cria um efeito de justaposição entre arte e vida, e poucas vezes nós vemos na literatura tamanha sincronia entre um tópico de natureza universal e um traço da condição individual. Isso é algo realmente incrível em Poe, ele produz uma obra na qual o fingimento poético se disfarça com perfeição na sinceridade emocional, transmitindo ao leitor a impressão de autenticidade expressiva.

Rádio Ponto UFSC: Como Poe usa elementos místicos para a construção do terror em “O gato preto”?

Prof. Daniel Serravalle de Sá: Então, Poe se vale daquela técnica sobre a qual falamos, de desacreditar as explicações racionais e científicas, e, à medida que ele desmonta as bases da racionalidade, sobre as quais a realidade se sustenta, o que sobra é o sobrenatural. No conto “O gato preto” isso acontece logo no início, já no primeiro parágrafo quando o narrador-personagem diz o seguinte: “Para a muito estranha embora muito familiar narrativa que estou a escrever, não espero nem solicito crédito / Mais tarde, talvez, alguma inteligência se encontre que reduza o meu fantasma a um lugar comum, alguma inteligência mais calma, mais lógica e bem menos excitável do que a minha e que perceberá nas circunstâncias que porme-norizo com terror apenas a vulgar sucessão de causas e efeitos, bastante naturais” (Poe, 2021, p. 263). O que acontece a seguir é uma série de coincidências misteriosas que vão conferir a atmosfera mística e sobrenatural da narrativa e que acontecem a partir da aparição do segundo gato. A imagem da forca no peito do gato, e que reaparece na parede da casa queimada, é um prelúdio do que vai acontecer com o

narrador. Ele vai ser enforcado por ter matado a esposa; na verdade, ele conta essa história da prisão, o leitor atento vai observar que ele diz “amanhã eu morro”. Será que devemos acreditar nesse narrador? Ou é uma mentira para justificar o seu crime hediondo? Lembrando também que ele é alcoólatra, sujeito a ter alucinações, paranoia, ficar agressivo quando confrontado, e pode estar culpando o gato por um crime que cometeu. Novamente aqui vemos o poder na narração em primeira pessoa, mas uma questão importante em Poe é que o leitor sabe mais sobre o personagem narrador do que ele próprio sabe sobre si. Da mesma forma que entendemos que estamos diante de um depoimento de um alcoólatra que assassinou a esposa, em “O coração delator” temos um personagem narrador que jura não estar louco, pois se estivesse não seria capaz de elaborar um plano tão ardiloso para assassinar um homem idoso. Todavia, nós, os leitores, vemos que é uma figura completamente transtornada e obsessiva, que repete as mesmas frases e que está em um estado de compulsividade de psicose. O simbolismo das imagens literárias e a própria linguagem são os elementos que Poe usa para construir suas narrativas de terror.

Rádio Ponto UFSC: O senhor acredita que fatos da vida de Poe influenciam diretamente na produção dos contos dele? Isso é comum para autores do gênero terror?

Prof. Daniel Serravalle de Sá: Os processos criativos variam muito de escritor para escritor, mas acho que as criações artísticas combinam elementos de ordem pessoal com elementos fictícios. Então, os artistas trabalham criativamente um material que é próprio, mas também coisas que podem ter ouvido de outras pessoas, ou lido em um jornal, ouvido no rádio. No caso de Poe, essa questão se torna particularmente interessante, pois, comumente, ele é visto como um “gênio atormentado” e, aparentemente, há várias coincidências entre a sua vida e a sua obra. Nesse sentido, gostaria de pontuar algumas coisas: há um texto do próprio Poe, chamado “A filosofia da composição”, no qual ele argumenta que a inspiração ou o acaso não desempenharam um papel significativo na sua criação poética. Nesse texto, que tem o formato de um ensaio, ele explica o processo de composição do poema “O corvo”, que tinha ganhado uma certa fama, e, nesse relato sobre a gênese do poema, ele argumenta que “O corvo” seria fruto de um processo estritamente intelectual, deliberado e consciente, no qual a composição obedece a precisão de um problema matemático. É claro que a gente não precisa acreditar nele, ainda mais sabendo que Poe gostava de se divertir às custas dos leitores, mas, o que ele está dizendo é que a composição poética dele é um trabalho intelectual. Algumas vertentes críticas de orientação psicanalítica passaram a ver nos argumentos de Poe um caso clássico de compensação: o poeta obsessivo e emocionalmente instável que preferiu se apresentar no seu ensaio teórico como alguém controlado e lógico. Então, o pressuposto aqui é que apenas um autor cheio de emoções turbulentas insistiria na necessidade de afirmar um controle artístico completo sobre a sua obra. Do ponto de vista da crítica e da teoria literária, o aspecto mais interessante sobre essas interpretações que associam a vida e a obra do autor, é que elas contribuíram para desenhar uma quase “mitologia” em torno de Edgar Allan Poe, alimentando a imagem de um gênio atormentado do período romântico, um homem para quem arte, violência e insanidade eram inseparáveis.

Rádio Ponto UFSC: Em tanto “O gato preto” quanto em “O poço e o pêndulo”, aspectos psicológicos dos personagens são importantes. De que modo o terror psicológico se manifesta na escrita de Poe?

Prof. Daniel Serravalle de Sá: Terror psicológico são duas palavras que vão muito bem juntas, especialmente se pensarmos na definição de Ann Radcliffe, que o terror está ligado à obscuridade e à indeterminação. Nesse sentido, como um escritor que se coloca no contexto da tradição gótico-romântica, muitos contos de Poe usam o aspecto psicológico para zombar do racionalismo, apontando que a confiança excessiva na razão é, de modo paradoxal, uma loucura. Em termo de construção literária, para criar

efeitos de terror psicológico, ele se vale bastante de sinestésias, um recurso estilístico que usa palavras e expressões associadas às sensações (visão, audição, olfato, paladar e tato) para gerar um efeito discursivo que apela para a materialidade corpórea. Em outro nível, gostaria de apontar que por trás do discurso aparentemente sombrio e horripilante de Poe, há também a possibilidade de que tais contos possam ser lidos como lúdicos e engraçados, todavia, para os entusiastas das narrativas de terror, essa proposta de leitura pode não ser fácil de aceitar. Quando os críticos começaram a analisar o conjunto da obra de Poe, observando como seus textos são construídos ou estruturados, percebeu-se que uma parte significativa da sua obra contém elementos ligados ao pastiche, à paródia e ao cômico (e não apenas ao mistério e ao terror). A maioria das pessoas conhece apenas alguns contos de Poe, de modo que, é uma surpresa para esses leitores saber que dos mais de sessenta contos que ele escreveu, cerca da metade são explicitamente cômicos. Então, dentre as diversas interpretações e abordagens críticas possíveis, a questão do cômico em Poe também se tornou central para a teoria e crítica literária.

Referência

BARROSO, Ivo (Org.). **O Corvo e suas traduções**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

BONAPARTE, Marie. **The life and works of Edgar Allan Poe: a psycho-analytic interpretation**. Trans. John Rodker. London: The Hogarth Press, 1972.

CARLSON, Eric. **The recognition of Edgar Allan Poe**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1966.

DAGHLIAN, Carlos. A recepção de Poe na Literatura Brasileira. **Fragmentos**, Florianópolis, v. 1, n. 17, p. 7-14, jul./dez. 1999.

DA MATTA, Roberto. Edgar Allan Poe, o 'bricoleur': um exercício em análise simbólica. In: DA MATTA, R. et al (org.) **Arte e linguagem**. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 9-28.

DERRIDA, Jacques. The Purveyor of Truth. Trans. Alan Bass. In: MULLER, J. P.; RICHARDSON, W. J. (Org.). **The Purloined Poe: Lacan, Derrida, and psychoanalytic reading**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1987. p. 173-212.

FRANCO, Rafael Olea; BRAVO, Pamela Vicenteño. Encountering the melancholy Swan: Edgar Allan Poe in nineteenth-century Mexican culture. In: ESPLIN, E.; GATO, M. V. (Org.). **Translated Poe**. Lanham: Rowan & Littlefield, 2014. p. 141-150.

LACAN, Jacques. Seminar on 'The Purloined Letter.' Trans. Jeffrey Mehlman. In: MULLER, J. P.; RICHARDSON, W. J. (Org.). **The Purloined Poe: Lacan, Derrida, and psychoanalytic reading**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1987. p. 28-54.

PAHL, Dennis. **Architects of the abyss: the indeterminate fictions of Poe, Hawthorne, and Melville**. Columbia: University of Missouri Press, 1989.

POE, Edgar Allan. **Edgar Allan Poe**: ficção completa, poesias & ensaios. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. São Paulo: Nova Aguilar, 2021.

PRUETTE, Lorine. A psycho-analytical study of Edgar Allan Poe. **American Journal of Psychology**, [s. l.], v. 1. n. 31, p. 370-402, 1920.

ROSENHEIM, Shawn; RACHMAN, Stephen (Org.). **Introduction to the American face of Edgar Allan Poe**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.

SÁ, Daniel Serravalle de. Walter Hugo Khouri e José Mojica Marins: terror e horror no cinema brasileiro. In: ROSSI, C; ZANINI, C. (Org.). **Vertigo**: vertentes do gótico no cinema. Rio: Bonecker, 2018. p. 103-118.

SAGE, Victor. **The Gothic novel**: a selection of critical essays. London: Red Globe Press, 1990.

THOMPSON, G. R. **Poe's fiction**: Romantic irony in the Gothic tales. Madison: University of Wisconsin Press, 1973.

Recebido em 09 de dezembro de 2024.

Aceito em 17 de janeiro de 2025.

